ANO 4.º LISBOA—SEXTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1924 N.º 988

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195
Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: LISBOA

CAÍU o governo Alvaro de Castro que ha muitos dias arrastava uma existencia mais metaforica que verdadeira.

Governar, sobretudo na época que penosamente vamos atravessando, é dificilimo.

Estamos em plena crise politica e social. Tudo são reclamações, protestos e ameaças, precisamente quando as soluções aparecem mais problematicas.

O governo Alvaro de Castro, num dado momento, teve quasi a compreensão do seu papel. Embora combatido, não lhe faltavam apoios.

Infelizmente para ele e para o país, a certa altura, perdeu o sentimento das suas responsabilidades, caindo num visivel desnorteamento.

Como explicar o estranho fenomeno?

E' que lhe faltou a coragem para se colocar num terreno que, sendo impecavelmente republicano, fosse nacional, mas sem macula.

O governo demissionario, mercê das dependencias em que nascera e que lhe prejudicaram a liberdade de movimentos, raras vezes achou o caminho desembaraçado para executar uma obra restauradora.

Respirava com dificuldade.

As suas fráquesas e os seus erros traduziam, sem sombra de duvida, um vicio de organização e funcionamento.

Se vivessemos em tempos menos tempestuosos, talvez ele conseguisse encobrir as suas taras. A nossa crise, porêm, não se compadece com meias tintas nem com atitudes dubias. Na proporção em que passavam os dias, patenteava-se a sua falta de adaptação ás ineclutaveis realidades.

Chegou a desorientar-se completamente.

Escusamos de rememorar as questões em que este jornal, que nunca pensou em lhe mover qualquer campanha de oposição sistematica, teve de lhe significar, em termos claros, o seu descontentamento.

Sem uma politica financeira, bem clara e bem firme, não ha situações ministeriais que se aguentam.

A este respeito o governo Alvaro de Castro cometeu autenticos atropelos.

Não discutimos a pureza das suas intenções, mas declaramos que estas não bastam.

Por ser complicadissimo o problema da publica governação, requere-se que o poder não se entregue á pratica dum oportunismo demasiado empirico em que os remedios salvadores são substituidos por paliativos sem eficacia. O sr. dr. Alvaro de Castro vale muito mais que a historia do seu governo.

Contamos com ele e com alguns dos seus cooperadores para uma obra de maior envergadura. Os homens nem sempre se revelam como deveriam e desejariam mostrar-se, visto que têm de pagar o seu tributo ás circunstancias e aos acasos da fortuna.

A escolha do futuro ministerio, se porventura os hómens e os partidos não obedecerem, assim como supomos, a preocupações materialistas, deve ser uma afirmação de consciencia e de desinteresse.

O Chefe do Estado não pode fazer milagres, por maior que seja a sua boa vontade.

E' necessario que nos lembremos todos de que está em jogo, não a vida dum regimen,—o que já seria alguma coisa—mas o futuro do povo. Cale-se a voz dos negocios e a dos cabouqueiros da nossa ruina.

Será um perfeito criminoso quem se esqueça de que, na hora actual, ninguem tem a direito de anafar o seu egoismo e as suas ambições, quando seis milhões de almas se interrogam na penumbra da sua anciedade.

PALAVRAS
de Joaquim Manso
junto do tumulo
de Antero do Quental

Minhas Senhoras
Meus Senhores:

Vou falar junto da sepultura dum homem que toda a sua vida buscou a verdade e que, não a encontrando, apelou para a morte, num gesto de desespero e de renuncia.

Não pronunciarei palavras inuteis e vãs, porque ninguem tem o direito de quebrar o gelido silencio duma campa, trazendo para ela a confusão e o ruido que fazem do mundo em que nós vivemos o grotesco espectaculo de milhões e milhões de cubiças, tentando conquistar o mal para satisfazer a aspiração do bem.

Antero de Quental, o mais ilustre de todos os açoreanos, o português que viveu com mais amor o sofrimento humano, a ponto de o converter na obra prima do seu orgulho e da sua inspiração de poeta, á medida que o tempo passa sobre as suas cinzas, mais lucidamente o seu espirito, liberto da materia que o envolveu e torturou, vem para nós, a fim de nos dizer que a sua obra é, afinal, a certesa inabalavel duma vitoria.

O seu corpo desapareceu no pó da terra, a sua figura de linhas tão nobres e de feições tão expressivas e luminosas conserva-se sómente em imagens que se esbatem e apagam, como saudades que a distancia cobre duma neblina violacea.

No entanto, Antero de Quental está em todos nós, caminhando com cada um de nós e acompanhando o nosso destino como um camarada infatigavel cujo conselho experiente as nossas inquietações ouvem, sob uma sugestão empolgante.

Ele realiza aquilo que Nietzsche, num distico imperecivel, denominou o «viajante e a sua sombra»—o genio e a sua treva.

Educado no catolicismo, sentindo Deus nas falas piedosas da sua mãe, Antero um dia empreendeu uma aventura singular—abrir para si, resolutamente, uma estrada bastante clara e larga pela qual pudessem avançar, depois, os homens que ao culto da Verdade, do Bem e do Belo, não quizessem outro companheiro, senão o seu proprio pensamento.

Quanto ele padeceu, no esfôrço herculeo de querer constituir o lar isolado e sombrio da sua razão, fóra da tradição da sua familia e da sua raça! Das suas ilusões nasceram amarguras e destas amarguras uma tragedia e um sudario.

Nunca um poeta desencadeou maior tormenta que este poeta açoreano cuja musa indomita, de tanto interrogar o ceo e a terra, acabou por perceber que, entre o coração e o cerebro, ha um abismo insondavel se a fé, que não conhece desanimos, o não transpõe num vôo rapido.

Em todo o seculo XIX, não aparece quem, com tamanha perfeição e grandeza, jogasse a sua felicidade contra as coleras e as bravezas das forças invisiveis.

O seu livro de *Sonetos* conta-nos essa historia emotiva e confrangente duma pobre criatura que, ardendo na febre e ansia religiosa de arrancar aos deuses os segredos do universo, foi caindo nos braços descarnados da duvida que a seduzia e a martirisava.

Antero abrazou-se e queimou-se numa luta em que a sua alma, a poder de sincera, chegou a exgotar todas as possibilidades de sofrer.

E, no fim de contas, que trofeus alcançou ele?

No soneto *Quia Aeternus*, Antero confessa, de braços caídos, a fronte pendida, a sua derrota. Ouçamo-lo:

Não morreste, por mais que o brade á gente
Uma orgulhosa e vã filosofia...
Não se sacode assim tão facilmente
O jugo da divina tirania!

Clamam em vão, e esse triunfo ingente
Com que a Rasão—coitada!—se inebria
E' nova fórma, apenas, mais pungente,
Da tua eterna, tragica ironia.

Não, não morreste, espectro! o Pensamento
Como dantes te encara, e és o tormento
De quantos sobre os livros desfalecem.

E os que folgam na orgia impia e devassa
Ai! quantas vezes, ao erguer a taça,
Param, e estremecendo, desfalecem!

Este poema, minhas senhoras e meus senhores, mostra-nos eloquentemente que o seu autor chegara á negação das suas negações—á magoa de se reconhecer desfeito, como um mastro quebrado, á mercê das ondas.

Era, porventura, a hora da sua libertação!

Num ultimo arranque da sua sensibilidade exausta, ergueu os olhos para a clemencia do Céo, entregando-lhe, quasi de mãos postas, a sua oferenda de naufrago.

Porque não se quedou ele suspenso numa suplica fervente á mãe de Deus?

Para se responder a esta pregunta, seria necessario que Antero não levasse comsigo e para sempre o misterio da sua morte.

Debalde bateremos á sua sepultura.

O poeta repousa numa beatitude eterna.

Só nos resta lêr e admirar a sua obra que, sendo suprema pela belesa imaterial das suas estrofes, é tão humana e dolorosa que qualquer de nós aprenderá nela a ser humilde para a admirar, e a ser forte para fugir ás suas perturbantes tentações.

DURANTE a ausencia do sr. dr. Joaquim Manso, ficou á testa do *Diario de Lisboa* o sr. Pedro Bordalo Pinheiro que, com a colaboração e a afeição dos nossos redactores, soube vencer, e com galhardia, todas as dificuldades de um jornal que atravessou momentos de febre.

A sua modestia é das que não se compadecem com exibicionismos.

Não podemos, porem, deixar de lhe significar o nosso profundo reconhecimento com um grande abraço em que vai a amizade sincera e provada de todos os que trabalham nesta casa.

* * *

A PROPOSITO da ida aos Açores da missão de estudo que ontem desembarcou do «São Miguel», gerou-se uma lenda perfida que temos de desfazer.

Um destes dias abordaremos ao assunto.

Entretanto, cumprimos um dever de afectuosa cortesia, agradecendo á Empresa Insulana de Navegação as muitas e inolvidaveis gentilesas que teve para com a missão, envolvendo no mesmo gesto de reconhecimento os dois comandantes do «Lima» e do «São Miguel», respectivamente os srs. Carlos Moniz de Vasconcelos e Raul Pinto, bem como as suas oficialidades.

* * *

O PUBLICO em geral, e os telegrafo-postais em especial, esperam que o governo que suceder ao do sr. dr. Alvaro de Castro solucione dentro de poucas horas o conflito dos Correios e Telegrafos que tantos milhares de contos de prejuizos tem causado.

Porque o conflito, originado apenas em razões de ordem moral, é facilimo de resolver. As pessoas que disso se têm ocupado é que sucessivamente o vêm complicando.

Chegará agora um minuto de bom senso?

* * *

NO Instituto Superior Tecnico realizou-se ontem uma festa de homenagem ao sabio professor daquele estabelecimento de ensino sr. Francisco Ferreira Roquete, que constituiu uma afirmação invulgar do quanto o ilustre engenheiro é admirado por todos os seus colegas e por todos os seus alunos.

* * *

O *DIARIO DO GOVERNO* publica o regulamento interno da Biblioteca da Imprensa Nacional, instituição de utilidade publica que muito valorisa aquele estabelcimento e honra a acção persistente e bem orientada do seu ilustre director.

* * *

TEMOS em nosso poder uma carta do sr. José Maria Espanca, a proposito do roubo que se deu no palacio ducal de Vila Viçosa, que ámanhã publicaremos.

* * *

EM Bilbao acaba de ser fundada a Confederação Esperantista Iberica que resolveu publicar um jornal destinado a defender os seus pontos de vista.

* * *

FOI eleito definitivamente presidente da republica do Paraguay o actual presidente provisorio sr. Ayala e vice-presidente o sr. Manuel Burgos.

Em resposta

A India Portuguesa

Do sr. A. de Spinola recebemos a seguinte carta, em resposta á entrevista que ao *Diario de Lisboa* concedeu o sr. Menezes Bragança, representante da India Portuguesa no Congresso Colonial:

Sr. redactor.—O «Diario de Lisboa», de 7 do corrente, publica uma entrevista concedida pelo sr. Menezes Bragança, representante da India Portuguesa no Congresso Colonial e um dos mais ilustrades jornalistas dessa nossa longinqua possessão.

Procura o mesmo representante, afirmando que o regimen de autonomia em nada contribuiu para o agravamento dos «deficits» orçamentais do Estado da India, destazer as afirmações produzidas anteriormente pelo «Diario de Lisboa»; não deixa, porém, de afirmar que não merece o seu apoio a atitude do Conselho Legislativo da India. «Hic latet anguis».

Seja me permitido declarar, antes de tudo, que não sou adverso ao regimen de autonomia, sobretudo quando concedido a uma colonia como a India. Mas a autonomia, triste é dizê lo, tem dado, até aqui, os peores resultados em quasi todas as colonias, devido a graves deficiencias que contêm os diplomas organicos e á uniformidade com que foram aplicados a todos os nossos dominios ultramarinos, tão diversos em todas as suas manifestações e caracteres. Mas, se isto é assim, infelizmente, vejo me na necessidade de confessar que o povo indiano vive em regimen deficitario agravado dia a dia, devido á acção do seu Conselho Legislativo, que se tem mostrado pusilanime e insuficiente, áparte honrosas excepções, para modificar a situação da colonia.

Não conheço um projecto de fomento, de valor, apresentado pelos seus vogais nat s. E note se que estão em maioria no referido Conselho. Se algumas medidas foram trazidas para serem transformadas em diplomas, deve se isso á autoria do governo. Não sou eu que o digo, mas quasi todos os jornais da India! O papel do Conselho tem sido, principalmente, agravar impostos, a pedido do governo, mostrando-se, ao mesmo tempo, desinteressado em tomar a iniciativa de propor medidas que tenham por fim criar receitas por meios diferentes.

Se me é permitido alegar razões que me levam a discordar do ilustre entrevistado sr. Menezes Bragança, direi que cheguei, ha pouco, da India, onde constatei que a maior parte da imprensa é adversa, se não á continuação do regimen de autonomia ali, pelo menos á sua existencia tal qual ele existe.

Vice-presidente do Conselho Legislativo duma outra colonia e, como tal, competindo-me substituir o governador na sua ausencia e dirigir o Conselho Legislativo, tive, por necessidade propria, de manusear e guiar-me pelas disposições dos diplomas organicos da Administração Civil e Financeira das Colonias, ou seja a lei 1:022 e os decretos 7:008, 7:030 e 7:132 do Ministerio das Colonias, e constatei varias e importantes lacunas que ha necessidade de suprir.

Mas vamos á India. Acusa-se o Ministerio das Colonias de fautor de todos os males, para sacudir as culpas proprias; não é bem assim. E eu vou demonstrar com factos singelos que a India não tem sabido ou querido usar daquelas mesmo poucas regalias que lhe fôram concedidas. Os governos locais não podem, nem mesmo com assentimento dos seus Conselhos, criar despezas, sem sanção do poder executivo, mas é-lhes facultado reduzir serviços, cargos, vencimentos e despesas inuteis ou prescindiveis.

O que tem feito a India em regimen de autonomia? Nunca o funcionalismo e os fornecedores do Estado estiveram em atrazo nos seus vencimentos e pagamentos durante 4 e 5 mezes, nem mesmo durante a ultima revolta da India, de 1910, em que a colonia incorreu com enormes despezas militares! A causa do mal não é só o agravamento dos cambios, não; é á inercia dos vogais natos, porque se o ministerio das Colonias autorisa despezas e criação de receitas propostas pelos governos locais, tambem, em virtude dos poderes que em outros delegou, se retrae a imiscuir nas iniciativas que de direito pertencem a organismos locais!

Ora o orçamento do Estado da India, ultimamente apurado, acusa um «deficit» de 304.291$35 e, emquanto a provincia não pode pagar os seus funcionarios, o seu Conselho Legislativo aprova o envio de uma embaixada de dois representantes, ainda que muito distintos, ao Congresso Colonial, com viagens caras de ida e volta pagas em bom esterlino e com um subsidio diario de mais de 300$00 escudos, durante a sua permanencia em Portugal. Onde a culpa do ministerio das Colonias? Note-se que foi a ultima Colonia que se permitiu tal liberalidade de fidalgo arruinado! Quando aqui têm a India, além dos seus representantes ao Congresso da Republica, personalidades, como os drs. Alberto Xavier, Caetano Gonçalves, Almeida Arez e Silva Teles, que sem mais despesa a podiam representar!

Friso que não me move qualquer intuito de censura pessoal aos representantes indianos, que muito admiro e de um dos quais até sou amigo. Não se trata de pessoas mas do regimen de autonomia e do uso que a India dele tem feito.

O agravamento das despesas tem sobretudo derivado do pagamento de passagens carissimas ao funcionalismo militar, andando em verdadeiras «navettes» da India para outras colonias; da manutenção de serviços e direcções, uns dispensaveis, outros parasitarios ou quando muito permitindo acumulações, com as quais se chega a transferir mensalmente uma dezena de contos para a Metropole, com o cambio da rupia a 10 escudos, dos vencimentos exagerados do alto funcionalismo.

Pois o regimen de autonomia cava bem, apesar de todos os seus defeitos, para evitar «o descalabro das finanças publicas». Mas não; serve para o contrario!

E emquanto se acusa o ministerio das Colonias de proceder abusivamente, o Conselho Legislativo, á falta de melhor, vota na India medidas de todo o ponto inaceitaveis e com pretensões a anularem ou alterarem decretos e leis com aplicação a mais duma colonia, como sejam os diplomas n.os 54 e 73, violando abertamente a base 29 do decreto 7:008. O paradoxo!

Este assunto dava para mais largas considerações mas na sua singeleza, julgo que demonstra que o regimen de autonomia da India, se não é o causador de todos os males de que a Provincia se enferma, pouco tem dado e justifica os motivos porque me não curvo reverente deante dos optimismos do sr. Menezes Bragança. - De v. etc., *A. de Spinola*.

Concerto Arthur Trindade

No brilhante concerto, organizado por este ilustre maestro, entre outros, destacou-se tambem o nosso distinto amigo, o talentoso estudante sr. Francisco Maria de Loureiro Marques Diniz, cantando com grande relevo e sentimento o «Plaisir d'Amour» de Martini e o «Rouxinol» de Sarti, pelo que foi muito cumprimentado. Os nossos parabens.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

LIVROS NOVOS

Do romance

"Flavio,,

de Nuno de Montemór

transcreve-se uma das mais interessantes passagens

Nuno de Montemór, publicista vigoroso e brilhante que por jornais e revistas tem deixado magnicas paginas, publicou agora um romance — *Flavio* — onde, a par dum estilo admiravel, revela um solido pensamento construtor.

Transcrevemos a seguir um interessante capitulo:

Flavio tinha agora o apoio clamoroso das galerias e dos republicanos, avidos de escandalo.

—... Estava dizendo, que eu era, como qualquer dos senhores, um *roitelet*, um pequeno despota irresponsavel.

E cada dia me convenço mais da razão que assistia a um grande anarquista, que dizia ser preferivel um rei mesmo absoluto aos quinhentos pequeninos reis de um parlamento.

E Benjamim Constant conhecia-os bem, meus senhores, ao afirmar que «só é livre a nação cujos deputados têm um freio».

E aqui está, senhores deputados, porque tudo isto é uma burla infame, uma mentira sem perdão, que todos vêem e todos sentem, mas que poucos teem, como eu, a nobreza de confessar e repelir.

—Muito bem—concordou o deputado republicano—eu concedo que, actualmente, o parlamento seja em Portugal uma falsificação, uma mentira.

Mas porquê?

Por culpa do regimen.

Difundam a instrução primaria, instruam o povo, eduquem-no nos seus deveres patrioticos, e a soberania popular e a igualdade republicana serão um facto.

—Eu não posso deixar de crêr que v. ex.ª conhece, de politica, apenas a que lhe diz o seu jornal, e a maioria dos jornais—é preciso dize-lo com desassombro—além de serem lacaios dos banqueiros, são escritos quasi sempre por ignorantes sem escrupulos, por fanaticos grosseiros sem talento ou por assalariados talentosos sem honra.

Mas Augusto Comte, que sabia politica, afirmou que cincoenta anos de estudo lhe ensinaram que a soberania popular era uma mistificação opressiva e a igualdade uma mentira ignobil.

Emquanto ao apregoado milagre da instrução primaria, eu lembro apenas o riso com que o republicano Faguet castiga aqueles que a apresentam como solução para todas as dificuldades.

Diz ele que uma tal instrução habilita a ter uma ideia e não duas, e que um professor assim é sempre um fanatico de ideia fixa, impermeavel a um raciocinio que seja estranho ou contrario a essa ideia.

Ora confiar a um homem destes a *orientação politica* das nossas crianças, é o mesmo que ordenar, aos nossos regedores que ensinem, aos nossos camponios, os problemas da sciencia diplomatica.

—Mas o professor não é só o instrutor, é tambem o educador.

—Um homem de ideia fixa é incapaz de progresso, não pode ser um educador e muito menos um educador politico.

E' ainda Faguet que o confessa: «porque, um dia, ensinaram ao professor que o padre é um malvado, e hoje inverosimil encontrar em França um professor para quem o padre não seja um scelerado!..

Assim, a educação civica ministrada pelo professor francês tem, por unica divisa, estes dois gritos:

«Morra Deus! Viva a Republica!»

O professor, se quizer educar, tem de ser um homem do seu tempo, e não um papagaio vermelho da democracia imbecil.

—Pois bem, senhor Flavio de Moura, V. ex.ª é novo, ainda ha de vêr.

A revolução dar-nos-ha, um dia, a Republica em Portugal, a democracia tomará conta das escolas, difundirá nelas o seu credo, e o país será então bem governado, liberto dos padres e reis.

Flavio de Moura abanou a cabeça, tristemente, num gesto de firme descrença e cansaço.

—Será então, o fim, se as energias da raça lhe não acudirem, porque o veneno das democracias torna-se ainda mais violento, embora mais sincero e franco, nas mãos dos republicanos, do que nas mãos covardes e lamacentas destes monarquicos hipocritas e ignaros, que são os constitucionalistas.

Proclamada a republica, nós ministros e deputados, nobres e funcionarios, iremos para casa, expulsos, com justiça, de logares que uma falsa monarquia nos não ensinou a honrar, mas *seremos substituidos pelos nossos criados*, e a mentira politica será então maior e mais grave ainda.

Como já agora acontece na democracia da Carta, não serão os republicanos mais cultos e honrados que governarão, porque a democracia é sempre o processo da selecção invertida.

E ha quasi um seculo meus senhores que esta epidemia democratica nos devora.

Mas ela ha de passar, a Europa inteira começa a acordar.

Ah! se a morte politica de uma nacionalidade fôsse de desenlace tão visivel e breve como a morte, por epidemia, de uma geração, um país não votaria, democraticamente, os seus representantes, para os arvorar em despotas irresponsaveis e inconscientes do seu destino.

Mas nisto é a democracia coerente, porque, para ela, a patria é a soma dos cidadãos vivos, e como a epidemia parlamentar não ameaça mata-los a breve praso, a insuficiencia de mentalidade politica não prevê a hecatombe do futuro e, por isso, a democracia diz aos seus adeptos: «é gosar emquanto ha vida».

Pois, senhor presidente e senhores deputados, eu não quero colaborar nesta hecatombe nem transigir com esta mentira.

Chegou a hora patriotica de tomarmos o partido dos avós contra o dos pais.

E eu dei aqui o exemplo batendo-me contra meu pai e desprezando, com nôjo, todas as vergonhosas grandezas que me daria esta vida anti-patriotica que os senhores, como puros democratas, tanto apreciam.

E' a ressureição da hora de Nun'Alvares, batendo-se contra os irmãos vivos, para obedecer á voz do comando que, dos tumulos, lhe davam os seus mortos.

Como recordação da minha passagem por esta casa, eu desejaria apenas que esta minha cadeira ficasse sempre vaga, para que os deputados que, na vida politica, não tivessem perdido de todo o caracter, viessem aqui sentar-se, lembrados do meu exemplo a fazer o seu exame de consciencia...

E inclinando-se num cumprimento, altivo e cortez, saiu da camara atonita para o hotel, onde o esperava o seguinte bilhete, entregue pelo correio, minutos depois de sair.

Flavio de Moura pode, por amor de uma mulher, arruinar a situação politica de seu pai, mas com isto arruinará o Mateus...

Mas de quem era este bilhete anonimo, de letra desconhecida, enviado num envelope da presidencia de ministros?

«Por amor de uma mulher?—repetiu Flavio —Os idiotas julgam que só se pode ser digno e bravo por amor de uma mulher...»

E logo tomado de um pavor misterioso:

«O Mateus arruinado! O Mateus arruinado!»

Mas que nova tragedia o esperaria, Santo Deus?!...

E deixou se cair num sofá, exausto, arquejante, a cabeça entre os punhos cerrados, a murmurar:

«O Mateus arruinado! O Mateus arruinado!...»

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calcada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

Pianos Alemães
das mais afamades marcas. Grande sortido musical. A. Morais, Lda. Rua das Portas de Santo Antão, 128.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria do Carmo de Magalhães e Menezes Vilar, D. Miquelina Angela de Bessa Pinto e D. Leonor da Camara Leme.

E os srs.:

Conde de Marim, Visconde de Francos e João Cristiano da Silva.

A caridade

Noite de S. Pedro

De dia para dia vai aumentando o entusiasmo pelo «arraial genuinamente português» que na noite de ámanhã se realisa nos magnificos jardins da travessa de André Valente, 19, levado a efeito por uma comissão de meninas da nossa aristocracia, cujo produto se destina a favor da benemerita instituição «Obra de Santa Joana Princesa».

Afim de que a festa reviste maior brilhantismo, o distinto academico sr. dr. Antonio Menano, presta-se gentilmente a cantar varios fados em que é eximio, eis a surpresa de que ontem falamos.

Damos em seguida a nota completa das senhoras que terão a seu cargo os varios lugares de venda do arraial:

Venda de fogo de vistas, sinos, pinhões, cravos, groseilles, batatas fritas, bilhas de barro, mascotes, queijadas de Cintra e arrufadas. Chefe, D. Maria Tereza da Cunha de Mendonça e Meneses (Olhão), fatos á moda de Pombal. Vendedeiras: D. Izabel de Melo Breyner, D. Fernanda e D. Manuela de Almeida d'Orey, D. Maria Amelia Bunay Bastos, D. Maria Evelina Pinto Coelho, D. Maria de Lourdes da Camara Viterbo, D. Maria José da Cunha Mendonça e Meneses (Olhão), D. Maud Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Maria Amelia Santos, D. Roxane Correia da Costa e D. Maria Izabel Pereira Palha.

Venda de bolos salões, nogados, pasteis de feijão, biscoitos, pinhões, rebuçados, barquilhos, foguetes e cerejas. Chefe, D. Izabel Maria de Azevedo Velez, fatos de chita da terra, lenços vermelhos e papoilas. Vendedeiras: D. Maria Luiza da Silveira e Serpa Rodrigues (S. Gião), D. Maria Margarida de Sequeira do Rio de Carvalho, D. Izabel Luiza Centeio, D. Maria Moniz Barreto do Couto, D. Maria do Carmo Froes, D. Maria Helena Fortes, D. Maria da Assunção Teixeira de Melo, D. Edith Nogueira, D. Maria de Figueiredo Faro Tavares Festas, D. Ana Soares de Albergaria e D. Eugenia de Abreu e Sousa.

Venda de alfazema, bolos do Alemtejo, foguetes, cravos naturais, capilés, bolos de ovos, pão de ló e bolos do Algarve. Chefe, D. Maria da Guia Ferreira Patricio. Fatos de chita vermelha, ramos de alfazema e alecrim. Vendedeiras: D. Maria Ana de Almeida e Vasconcelos, D. Maria Luisa Cersino Caldeira, D. Maria Helena de Sousa e Vasconcelos Calvet de Magalhães, D. Maria Emilia e D. Maria Cristina Cabral da Silva, D. Maria Luisa Gomes de Miranda, D. Maria Inês e D. Maria Oliveira Ramos, D. Luisa Ventura, D. Maria José e D. Maria Teresa Pessoa, D. Maria Antonia Morais, D. Maria Alice Mendes Lima, D. Maria Fernanda Mendes Lage, D. Maria Teresa Marques da Costa e D. Maria Amelia Pinheiro.

Venda de bolos de Cintra, queijinhos de Aveiro, pinhões, pevides, cravos, apitos de barro, capilés e sinos. Chefe, D. Julieta Gomes de Amorim. Fatos de saloia. Vendedeiras: D. Maria Luisa Cabral Moncado do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Maria Antonia de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Margarida Deslanes, D. Maria José e D. Maria do Carmo Lobo da Silveira (Alvito), D. Cristina Cantillo, D. Maria Tereza e D. Maria Henriqueta Pinto de Sousa Coutinho Fernandes.

Venda de fosforos, cigarros, flores e «drops».—Chefe, D. Maria Tereza de Sousa e Faro; fato de linho branco, lenços e cravos vermelhos. Vendedeiras: D. Merina Desvander Gabriel, D. Maria Adozinda Pimenta, D. Maria Luiza de Magalhães, D. Noemia e D. Lidia Gomes da Silva, D. Aline de Sousa Magalhães, D. Maria e D. Ida Burnay Freire de Andrade e D. Lucia de Almeida.

Venda de trabalhos da Escola de Santa Joana.—D. Margarida da Bandeira (Porto Covo e Bandeira), D. Izabel Pereira Palha, D. Madalena de Morais Amado, D. Maria Francisco de Castro (Nova Goa), D. Margarida Hintze Ribeiro, D. Maria de Lourdes Portocarrero da Camara Mesquita, D. Maria Luiza de Noronha, D. Delfina Pequito Rebelo, D. Luiza de Aguiar Petera e D. Laura Morais de Carvalho.

Os bilhetes de entrada podem ser requisitados para casa de qualquer das senhoras que formam os grupos ou para casa das sr.as condessa de Porto Covo e Bandeira, D. Maria Madalena de Trigueiros Martel Patricio e D. Tereza de Melo e Castro de Vilhena.

A noite de ámanhã nos belos jardins da travessa de André Valente, 19, vai decerto ser brilhantissima, pois será ali que tudo que de melhor conta a nossa aristocracia dará «rendez-vous».

Casamentos

Pelo oficial de artilharia sr. João de Faria Maia Correia Caupers, foi pedida em casamento a sr.ª D. Feliciana de Lacerda, filha do sr. visconde de Altas Moras.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará ámanhã «rendez-vous» de tarde na «matinée» do Salão Foz, e á noite no Cinema Condes «soirée» da moda.

Em viagem

Regressou hoje no rapido da manhã, á quinta do Viso, perto da Figueira da Foz, a sr.ª D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, filha da sr.ª D. Maria do Loreto Borja Trindade, que esteve em Lisboa passando algum tempo com sua irmã a sr.ª D. Maria Luisa de Borja Trindade Pais Mamede e seu cunhado o sr. Boaventura Pais Mamede.

—Partiu para Viana do Alemtejo o sr. Alberto Simões Borges.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=A's 21,30.—«Casa da boneca».
Nacional=A's 21,30—«Os dois garotos».
S. Luis=Não ha espectaculo.
Trindade=A's 21—«Wu-Li-Chang».
Politeama=A's 21—«Guerra em tempo de paz».
Avenida=A's 21,15—«Blanchette».
Maria Vitoria—A's 8 3|4 e 10 3|4—«Rez-Vez».
Apolo=A's 21,30—«Em boa hora o diga».
Eden=A's 21,30—«Lua nova».
Gil Vicente=As 21,15—«Os dois sargentos».
Coliseu dos Recreios=Não ha espectaculo.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz=Calçada da Gloria.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores.
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Pro motora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.

"VIENT DE PARAITRE,,

D. JOÃO DA CAMARA

Fialho de Almeida

descreve a largos traços

a figura de D. João da Camara

O grande artista da prosa que foi Fialho de Almeida, uma das mais lidimas glorias da literatura portuguesa—deixou, ao morrer, varios livros ineditos, que têm aparecido ultimamente nas livrarias. Inesgotavel fonte de belesa colorida, toda palpitante de faiscas do genio, Fialho era álem dum prosador sensivel, pictural, orquestral, um critico mordente—sempre digno de ler-se, embora o seu caracter violento e apaixonado, de impulsivo, nem sempre lhe permitisse uma visão justa, equilibrada, dos homens e das coisas.

Este recentissimo livro *Figuras de destaque* é uma coletanea de artigos dispersos do Mestre, em cujas paginas são focadas algumas individualidades do nosso mundo das letras.

E', incontestavelmente, com todas as suas qualidades e defeitos, um livro notavel—quanto mais não seja, de boa prosa, de boa graça, de requintada atitude de estetica, e até, por vezes, de boa critica.

Fialho merece uma consagração—**merece um monumento.** E como estamos em maré de consagrações e de monumentos, aqui fica o alvitre como repetição do que já em tempos foi lançado, não nos lembramos agora por quem.

Das *Figuras de destaque* **transcrevemos hoje um dos melhores capitulos: *D. João da Camara*—o imortal autor de *Os Velhos*,** que foi poeta pela emoção e santo pela bondade.

Este que caiu hoje era um dos cinco ou seis que ainda em Portugal mereciam nome de homens de letras e de artistas

Não que alguma vez tratasse de corrigir e ampliar, pela meditação e pelo estudo, as aptidões altas do sonho e embevecimento estetico com que tinha nascido; não que as obras da sua lavra parecessem gastar-lhe mais tempo do que um simples lapso de semanas escorreitamente levado em garatujar a copia, e ir de volante por restaurants e camarins, no forte frenesi cerebral do chôco gestador. Não!

João da Camara era o que chamaremos um homem de letras nato, e com uma acentuada tara de sentimento, á luz de cuja chama rozea ele via o principal dos seus assuntos. Os fortes preparos disciplinadores do estudo, que alargam a visão da arte e fortalecem a inspiração com sólidos silhares, os metodos da sciencia árida e as martirisantes leituras como meio de amontoar reservas de oiro no cerebro propenso a exhaurir-se e fatigar-se, todas estas coisas eram para João da Camara manobras de transformar ursos em homens de letras, e quebrar da inspiração divina os livres vôos, em detrimento daquilo que ele supunha ser a condição «sine qua non» do genio literario—a força lirica do sentimento, a aptidão idilica de literatisar o amor como principio e fim de toda a obra de arte.

Esta concepção restringia um pouco o ambito dos seus ideais poeticos e dramaticos, como tambem puerilisava a simbologia duma obra que por esse facto podia apenas comover cerebros impulsivos e corações sentimentais. De feito, em todos os seus trabalhos mais amados, as faculdades dominantes são: uma delicada e ternissima nota amorosa, espiritualisada por uma forte crença em Deus e na vida futura, de acquisição hereditaria no seu espirito: uma ironia compadecida, que muito lembra a de Dickens, e é expressão dum caracter que se comprazia em perdoar—finalmente uma especie de visão romantica do destino humano, origem de muitas das tiradas grandiosas dos seus dramas historicos e fantasticos, e que de resto se explica até pela sua ascendencia heroica de navegadores, guerreiros e politicos.

Da sua fantasia conceptiva, da sua imaginação romantica e poetica, lastima é dizer que não produzu o que devia, e se perdeu por meio na asfixia verbal da sua pouca e incompleta cultura literaria.

A sonhar o enredo ou «canvas» duma obra, que maravilhosas improvisações de arrojada volateria ás vezes tinha, no raconto oral improvisado, no simples schema, escrito, conforme as febres da improvisação nocturna, em bilhetes de visita e bocadinhos de papel de ocasião—coisas audazes, grandiosas, magnificas, subtis, originais, e que em trabalho definitivo, escritas e detalhadas á pressa, faliam deploravelmente por falta de metodo, de serenidade, de socego, de leituras reforçantes, condensações, «ratures», emendas, a ponto de ás vezes já não lembrarem nada o ponto de partida, e ficar uma pessoa aterrada da transformação da joia em «strass», e da obra prima em libreto exangue e desconexo.

Jámais esquecerei o plano de entrecho que ele uma noite de Julho já fóra de horas, depois da ceia, me referiu e contou num passeio vagabundo pelo Aterro, relativo á peça «O Pantano», que todos vimos derrocar-se no palco como uma obra manca de valor. Era então o periodo invasor, no cerebro de João da Camara, das literaturas libertarias e malsãs da novela russa e scandinava, que o meu entusiasmo conseguira infiltrar, á força de parlendas, na sua um pouco apatica educação cavalheiresa ultra-romantica.

João da Camara acabava de ler as primeiras peças de Ibsen e os primeiros grandes romances de Tolstoi. O pessimismo adusto, a ancia de libertação moral das almas presas no ergastulo das formulas seculares, a canceira das gentes nevropatisadas de vicios e degenerando em aleijões morais de horrivel fascias, gritos de naufrago pedindo em vez de pão, justiça, e em vez de paz, renovações violentas nos dominios da inteligencia e da vontade—todo aquele vortilhão ululante de monstros morais e dementes analiticos, invadindo em bloco a encerebração do discipulo de Garrett e do apaixonado admirador das epopeias luzitanas, como determinaram nele um charivari de terramoto, de que o escritor saiu atonito, mas com preocupações artisticas diversas, que foram as causantes das suas peças «Pantano» e «Meia Noite».

O que era esse plano do «Pantano», na sua aparição primitiva ao espirito do poeta, segundo m'o revelara João da Camara na nossa vagabundagem nocturna pelo Aterro, não posso eu já dizê-lo em guiza de o levantar no espirito do leitor, como ele se levantou no meu, aquela noite, com seus vapores de pezadelo hiperboreo, suas alucinações de acesso pernicioso, seus calefrios terrificos de medo. Era um drama de sugestões pantanosas, desviado das realidades da vida, perdido no fundo dum palacio á beira duma verde laguna onde coaxavam rãs e pairavam febres. A sua terrivel beleza desagregava-se de scenas com um livor de infecção perniciosa, e tudo nele convergia ao perturbante misterio do desenlace, tudo nele tinha uma simbologia confusa de vaticinio, estrangulado de fatalidades misticas, capricho das forças cegas, malfazejas.

A narração dessa tragedia sombria fôra tão bela, acaparante, intensa, que eu, deslumbrado, entrevi o dealbar duma obra prima, o ponto sendo que João da Camara quizesse escrevê-la tantas vezes quantas precisas para o dialogo atingir o seu mais alto poder eficaz de persuasão e sugestão.

Sucedeu porém o que dois ou três anos depois veio a suceder com a «Meia Noite», outra peça caida e dum entrecho poetico admiravel—sucedeu que a febre gestadora da obra passou rapida, que Lucinda Simões tinha pressa de meter a ensaio os primeiros actos, e todos os dias mandava recados, que os credores apertavam, que o socego fugia, que os compromissos impunham, que o praso marcado para a redação da peça ia passando—e soma tudo, um espirito turbado, estudos para a documentação dos tipos, postos de banda, a logica das scenas suprida por uma especie de improvisação automatica e dessórada, a lingua rica sangrada de imagens e reduzida a chalras de fantoches; numa palavra, o desastre eminente por falta de socego, de metodo, de estudo e resistencia ás imposições malsãs do meio artistico, das «coteries» amistosas, e cumplicidades tolerantes dum publico que nem protege escritores, nem os educa, aceitando o que lhe dão sem nunca se saber o que o impressiona.

Desta arte, poucas obras de João da Camara pódem sintetisar com fidelidade as aptidões e riquezas do seu talento de poeta e de escritor, que foram grandes e verdadeira e nobremente nacionais.

Tirante a «Triste Viuvinha», os «Velhos», e trechos dispersos do «Afonso VI» e do «Alcacer Kibir», bem se póde dizer que o grosso da bibliografia de João da Camara foi uma desumana gargalheira lançada o pescoço desse desarranjado e infeliz trabalhador. Romances, monologos, operetas, comedias, tudo vislumbra clarões de talento, vida creante, idealidade lirica, e uma afectividade terna e portuguesa. São joalherias perdidas num «mare-magnum» de trabalho ingrato, com que o pobre grande homem tem de pagar uma conta, ou chegar a tempo de não falhar o contracto que o algema.

E' sua melhor composição a «Triste Viuvinha», tragedia pacifica de aldeia, entre gente arrumada e silenciosa, onde o seu estro topou terreno afecto á germinação das idealidades melancolicas e ternuras idilicas que foram as suas mais fulgurantes cordas de escritor.

E' quasi uma obra prima, e em caso identico estariam os «Velhos», se a acção do ultimo acto afinasse com a limpidez serena dos dois primeiros, e não tivesse sofrido uma dessas intervalagens de trabalho, comuns na vida agitada do poeta, e que para logo introduzem ranhura na intriga e intercadencia de luz na chama inspiradora.

Mau grado a escravidão martirisante sob que viveu João da Camara nas suas relações com emprezarios e editores, mau grado os descalabros dum talento tão susceptivelmente delicado perante as fatalidades da paga insera algemando-o irremissivelmente á situação de galeriano das letras, João da Camara comtudo deixa obra a colocá-lo vitoriosamente entre os mais altos desinteressados e luminosos talentos literarios do seu tempo. Em qualquer paiz culto teria sido uma primacial figura de artista, é certo lhe não faltariam gloria e riqueza, se em vez de português nascesse em Inglaterra ou na Alemanha.

O seu espirito teria sofrido uma evolução completa, pela necessidade de não perder prestigio num meio superior de ideias e de acções. A sua obra teria sido uma avenida formosa de estatuas, sob que as gerações cantariam hinos á poesia e á arte do escultor

Em Portugal, porém, o pobre João da Camara não passou dum escravo infeliz da estupidez analfabeta, e duma vitima resignada da exploração gananciosa. E tão generoso, tão tolerante, tão calmo! Ah pobre amigo! Ah pobre santo!

Por ventura na hora extrema, o teu fervoroso espirito catolico te embalaria a esperança duma compensação moral no outro mundo...

FIXEM BEM

Mudou para o 1.° andar o
Deposito da Covilhã

Vende lanificios, para homens e senhoras ao preço da **Fabrica.**

Tem alfaiates para os seus clientes
ROCIO, 93, 1.° ANDAR
TELEFONE 4663 N.

Alfaiate de reputada fama exclusivamente para **senhoras.**

Malhas de seda
BLOCO DE NOVIDADES

VENDE: malhas seda, meias de seda, escocia e algodão para homem e senhoras, tecidos novidade em algodão, etc.

Saldo de camisas para homem
PREÇOS DA FABRICA
Rocio, 93, 1.° andar

FATOS E SOBRETUDOS

Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.°.

POLICLINICA
DA
RUA DO OURO

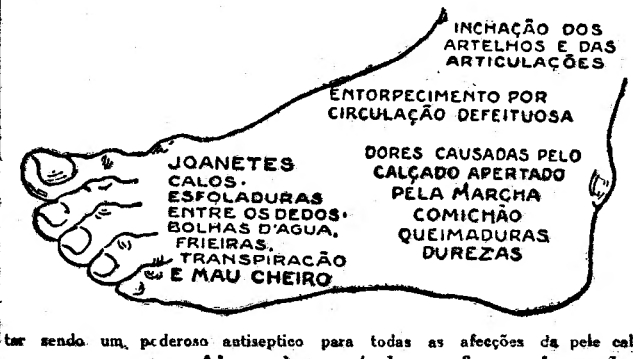
Entrada Rua do Carmo, 98

PARA CLASSES POBRES

Clinica medica—**Dr. Armando Narciso**—A's 4 h.
Cirurgia geral, operações—**Dr. Bernardo Vilar**—4 h.
Rins, vias urinarias—**Dr. Miguel Magalhães**—10 h.
Pels e sifilis—**Dr. Correia de Figueiredo**—11 e 4 h.
Doenças nervosas, electroterapia—**Dr. R. Loff**—2 h.
Doenças dos olhos—**Dr. Mario de Mattos**—2 h.
Doenças das crianças—**Dr. Cordeiro Ferreira**—2 h
Garganta, nariz e ouvidos—**Dr. Mario Oliveira**—12 h
Tratamento da diabetes—**Dr. Ernesto Roma**—5 h.
Boca e dentes—**Dr. Armando Lima**—10 h.
Cancro e radio—**Dr. Cabral de Melo**—4 h.
Raios X—**Dr. José de Padua**—4 h.
Analises—**Dr.ª Helena Calado** e **D. Gabriela Beato**—4 h.

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.°—RUA AUGUSTA—70, 2.°
TELEF. C. 1196

SAES "DERMOXA"



Dão aos pés toda a sua flexibilidade tonificando-os e descongestionando-os.

DERMOXA—Faz desaparecer rapidamente as **queimaduras, entorpecimentos, inchação, pizaduras** e todos os males occasionados pela marcha, fadiga e pressão do calçado.

DERMOXA—Suprime as dôres agudas dos **calos, olhos de perdiz, bolhas d'agua, durezas e joanetes.**

DERMOXA: E' soberano contra a **transpiração, mau cheiro** e o **ardor** provocado pelo calor e o suor.

DERMOXA:—Dá ao corpo uma deliciosa sensação de bem estar sendo um poderoso antiseptico para todas as afecções da pele calmando a **irritação** e a **comichão**

A' venda em todas as farmacias e drogarias

Concessionario unico para Portugal e Colonias:
MARIO BRANDÃO, Lda.—Rua Eugenio dos Santos, 99—LISBOA

N. B.—Exijam os verdadeiros saes «Dermoxa» e recusem as imitações que em substituição lhes queiram vender e que na sua maioria não têm nenhum valor curative

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 h. de 27: Depressão no S da Escandinavia 750^{mm} com tendencia a deslocar-se L. Zonas de alta pressão nos Açôres 771^{mm} e na Suiça 767^{mm}. Pressão em Lisboa 764^{mm}. O barometro desce na Escandinavia, Mar do Norte e França e sobe no resto da Europa.

Tempo provavel em Lisboa no dia 28: Bom tempo, vento N fraco.

A Cidade

Dr. Coutinho de Oliveira
CLINICA GERAL
RUA NOVA DO CARMO, 69
Telefone: C.-2507 Das 3 ás 5

Chá das cinco

O dia da prata

O assunto do dia de hoje, dia de calor e de sol de oiro — foi a prata. Logo de manhã, nas avenidas, quando o cronista se fundia, lentamente, junto dum poste de paragens de electricos, que não chegam, um companheiro de desventura tropical lhe bradou:

—Você não sabe?!

—Vou saber...

—A prata do Estado está a embarcar...

—Para Cacilhas?

—Não! Para Inglaterra, Para derreter, calcule você! A nossa rica prata!

—Como nós estamos derretendo ao sol — suspirei!

E saltei para um electrico providencial, desses que vão para o Dáfundo, mas que levam a taboleta do Rocio, naturalmente com medo dos atentados pessoais...

* * *

Na Baixa, o assunto tambem era a prata, mesmo na propria rua do Ouro. Quasi toda a gente via o futuro côr de chocolate.

—Então a prata vai-se!

E sucediam-se os lamentos.

Sendo a prata branca, vibrante e luzidia, parece impossivel como a simples noticia da sua partida desperta ideias tão negras!

Felizmente que por entre os desiludidos tambem apareciam alguns optimistas. E esses afirmavam:

—O governo faz muito bem. Com a prata pagamos o que devemos e faremos vida desafogada. Vão-se as pratas — e fiquem os dedos — para tocar berimbau...

Mas nem pessimistas, nem optimistas, eram capazes de explicar-me ao certo os motivos da transferencia da prata portuguesa para a capital ingleza. Estava quasi desiludido de conseguir meter na algibeira a chave da porta do enigma quando encontrei o meu amigo Zacarias que é agora negociante de gelo calorificado, producto de que tem patente de invenção.

(E' um sistema ultramoderno de conservar o gelo quente — para se não derreter.)

Como todo o mundo, depois dos cumprimentos. falou no caso do dia:

—Sucia de estupidos! Todos a gritarem contra a saída da prata, sem saberem o que dizem! Tudo politica, nesta terra maltadada! Faço a justiça de acreditar que tu compreendes porque é que a prata embarca...

—Juro-te Zacarias que tambem estou em branco...

—O' homem de Deus! Pois é muito simples: a prata vai para Inglaterra para dourar...

Sarmento Duque

Pendencia

Pedem-nos a publicação dos seguintes documentos:

N.º 1 — Lisboa, 24 de Junho de 1924 — Ex.^{mos} senhores José Augusto Lobato Guerra e Manuel Gonçalves de Azevedo e Castro, meus presados amigos — Tendo tomado conhecimento de artigo publicado no «Diario de Lisboa», de ontem, que junto lhes remeto, e subscrito pelo sr. Antonio Maia e no qual vejo materia desprimorosa para o meu caracter, vinha pedir-lhes o favor de como meus representantes liquidarem esta questão conforme aos principio de honra. Agradecendo esta grande prova de estima subscrevo-me. Com muito consideração cclega, camarada, admirador e amigo obrigado. — Julio Ernesto de Morais Sarmento.

N.º 2 — Lisboa, 26 de Junho de 1924 (ás 18 horas) — Ex.^{mo} sr. Julio Ernesto de Morais Sarmento nosso presado amigo — Em cumprimento da honrosa missão de que nos encarregou pela sua carta de 24 do corrente, procuramos o ex.^{mo} sr. Antonio Maia, com quem nos encontramos nesse dia, pelas 17 horas, num gabinete do palacio do Congresso, e a quem fizemos entrega de uma carta em que lhe pediamos que se dignasse nomear dois dos seus amigos para liquidação da pendencia com v. ex.^{a}. O sr. Antonio Maia, tendo lido a carta, declarou que não indicava quaisquer seus amigos para prosseguir a pendencia. reservando para si qualquer procedimento futuro. Em virtude desta resposta, e tendo decorrido o praso de 48 horas indicado pelos codigos de honra, consideramos a nossa missão terminada, ficando a honra de v. ex.ª completamente ilibada. Com toda a consideração, somos. De v. ex.ª at.º ven. e muito obrigados — José Augusto Lobato Guerra e Manuel Gonçalves da Silveira Azevedo e Castro.

Banco Regional do Sado

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio deste Banco, cuja séde é em Setubal, Praça do Bocage, e que publicamos na 6.ª pagina.

UM TRATADO DE COMERCIO

O tabaco DA GRECIA e a sardinha portugueza vão andar de cá para lá...

O consulado geral da Grecia, em Lisboa, está instalado num quarto andar das Avenidas Novas — e tem á sua frente, como encarregado de negocios, uma figura distinta e insinuante de diplomata, «doublé» de homem de letras: o sr. Costas Nearchos.

A recente viagem á Grecia do dr. João de Barros e o tratado de comercio a estabelecer entre essa recente Republica e o nosso Paiz — ideia muito simpatica e

COSTAS NEARCHOS

muito util do sr. Costas Nearchos — levaram nos hoje lá.

O consul da Grecia, em Lisboa, que tem no seu paiz um prestigio que o poeta João de Barros teve ocasião de repetidamente, diariamente, presenciar, e que merece a confiança plena e absoluta de todas as correntes politicas da sua terra — não se fez rogado, e desculpando-se de não falar correntemente a nossa lingua — facto que, todavia, não reconhecemos — afirmou-nos o seguinte:

—E' ideia minha antiga aproximar estreitamente os dois paizes — Grecia e Portugal — que, não se tendo nunca degladiado, nem um simples tratado de amisade se lembraram. todavia, de estabelecer, até hoje.

—E' um tratado de comercio...

—Muito menos ainda.

—E acha oportuno o momento para a realisação desse tratado?

—O momento não pode ser mais oportuno. A Grecia, depois da convulsão politica porque passou, vai sofrer uma politica de renovação em todos os campos, sendo alteradas as tarifas aduaneiras assentes nos velhos tratados com os paizes europeus, tratados que, dentro de meses, devem caducar.

—Vai, pois, fazer novos tratados de comercio?

—Evidentemente. Já vê que o momento é mais que oportuno.

—As bases desse tratado...

—Vão ser estudadas. Até ha pouco tempo, a ideia dum tratado de comercio com a Grecia tinha um aspecto méramente particular.

—E agora...

—Agora, revestido como estou, pelo sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, de plenos poderes para o negociar, vou entregar-me ao estudo dos seus pontos mais importantes e delicados — entre os quais — o problema do tabaco, referentemente ao meu Paiz — e o das sardinhas, referentemente a Portugal.

—O comercio português...

—Está empenhadissimo em que o tratado se realize o mais cedo possivel — pois a exportação de sardinha, para a Grecia, que tende a ser importante, ha dois anos que está paralisada — e só um tratado de comercio poderá fazer com que ela se renove e progrida.

—E a par desse tratado de comercio...

—Outros tratados poderão fazer-se, de ordem espiritual — no que respeita ao campo das letras — de vantagens enormes para os dois paizes, que se devem amar, posto que nunca se tenham degladiado. A estas razões ha a acrescentar a ida ao meu Paiz do dr. João de Barros, cuja acção muito contribuiu para a futura aproximação de Portugal e da Grecia — tendo-lhe sido dispensadas as provas de admiração e carinho de que ele é absolutamente merecedor.

—A Grecia de hoje..

—Pouco lhe posso dizer sobre isso. As minhas funções de consul obrigam-me a ser discreto. Todavia, como já lhe declarei, a Grecia, com a Republica, vai sofrer uma grande renovação, pois, cortando com o passado, tem os olhos fitos num futuro de risonhas esperanças. Neste momento, a Republica grega tem um encargo pesadissimo sobre os ombros.

—Esse encargo é...

—Alojar, sustentar, vestir, 1 milhão e meio de gregos, que o «aprés guerre» expulsou da Asia Menor. Quere encargo maior do que este?

Carteira perdida

Antonio Caridade, morador em Carcavelos, perdeu uma carteira com a quantia de 480$00 e varios documentos que lhe fazem muita falta. Pede á pessoa que a encontrar o favor de a entregar ao chefe da estação do Cais do Sodré.

Revista «Foto-Sport»

Sai amanhã, sendo posto á venda ás primeiras horas da manhã, o 6.º numero da revista de fotografias «Foto-Sport», que se apresenta muito melhorada no seu aspecto, pois trás capas a côres e optimas fotografias dos Jogos Olimpicos de Paris, do «raid» Lisboa-Macau.

Barato não é o que custa menos dinheiro!

Os acessorios para machinas de escrever a baixo preço produzem mau trabalho, duram menos e são em geral a causa dos desarranjos das machinas. São portanto os mais caros.

OS MELHORES ACESSORIOS VENDE A

Empresa Reconstructora de Machinas de Escrever, Limitada

SÉDE NA SUA PROPRIEDADE
Largo de S. Martinho, 8 a 11
(Defronte do Limoeiro)
Telef. C-3081

FILIAL
Rua dos Retroseiros, 58
Telef. C-1020

Pelos teatros

Henrique de Albuquerque

Em S. Carlos realiza-se esta noite a festa artistica de Henrique de Albuquerque, com a «revista» da «Casa da Boneca» e as «Rosas de todo o ano».

Henrique de Albuquerque, que é um actor muito

HENRIQUE DE ALBUQUERQUE

distinto, tem na sua carreira teatral esplendidas criações que o imposeram á simpatia e á admiração do publico.

Na recita de hoje tomam parte obsequiosamente a ilustre actriz Palmira Bastos e sua filha Amelia Bastos.

Lucilia Simões

Está despertando um interesse, que cumenta de dia para dia, a primeira representação do original português com que a ilustre comediante Lucilia Simões realisa, na noite de 2 de julho, a sua festa.

«A Verdade», comedia dramatica da actualidade, em que João Correia de Oliveira e Francisco Lage, triunfantes como escritores de teatro regional e historico, nos vão revelar uma nova modalidade da sua obra, dizem-nos ser um trabalho de futuro que ficará perduravel dentro do bom teatro português.

Atrás do reposteiro

A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, que anda em «tournée» pela provincia, funcionará no mês de Julho no teatro Sá da Bandeira, do Porto.

— Continua guardando o leito a actriz Irene Gomes, da companhia Maria Matos.

— É definitivamente ámanhã que sobe á scena no teatro de S. Carlos o original «Auto da Raça», de Mario Monteiro. Representar-se-ha tambem a peça «Fogueiras de S. João», e a recita é dedicada aos aviadores do «raid» Lisboa-Macau.

— A magica «A gata Borralheira» é a segunda poça a subir á scena no teatro S. Luis.

— Entrou em ensaios no teatro Nacional a peça italiana «Dick» tradução de Alberto de Morais.

— Os principais papeis da peça «O fiel amigo», em ensaios no Politeama, foram confiados ás actrizes Maria Vasconcelos, Isilda de Vasconcelos e Maria Lagoa e aos actores Luis Leitão, Rafael Marques e Joaquim Costa.

— Encontra-se em plena convalescença, devendo reaparecer na provincia no inverno, a «divette» Anita Salambó.

— Está marcada para ámanhã, no teatro São Luiz, a inauguração da epoca de verão, com a «première» da revista «Vida Nova».

— Vem brevemente a Lisboa remodelar a sua companhia o actor Alberto Ghira, que tem sido feliz na sua «tournée» pela provincia.

— Já estão contratados para a epoca de inverno no teatro Aguia de Ouro, companhia Oscar Ribeiro-Alberto Barbosa, os actores Rosa Mateus (ensaiador), Soares Correia e Manuel Silva e as actrizes Angelita Gonçalves, Alda de Sousa e Zulmira Betencourt.

— Os duetistas Geraldos partem brevemente em «tournée» pelas termas e praias.

— A principio, a companhia Satanela-Amarante teve pouco exito no Sá da Bandeira, do Porto, mas no actual mês tem tido boas casas.

POLITEAMA HOJE
Guerra em tempo de paz

Palace Hotel do Bussaco
Instalação de luxo
Todo o conforto moderno
O melhor hotel de Portugal

A Cidade

ACABARAM-SE AS "COROAS,,...

997 caixotes de prata

contendo 3.980.000 moedas

foram hoje levados para Londres...

Aqui ha tempo anunciou-se que ia ser enviada para Inglaterra a prata do Banco, como caução. Os jornais de oposição ao regimen exploraram esta nota. Apenas por interesse jornalistico, que outro não nos move, o *Diario de Lisboa* procurou depois o director geral da Fazenda Publica, sr. dr. Alberto Xavier, que deante de dois redactores deste jornal e de um ilustre jornalista, o redactor principal do *Mundo*—que assistiu á conversa—nos fez declarações que um de nós sintetisou, da maneira que em parte damos abaixo:

O desmentido de Alberto Xavier e os factos desta madrugada

—E' certo que está sendo encaixotada?

—Não, senhor. A prata continua a estar, parte na Casa da Moeda e parte no Banco de Portugal.

—Alguma coisa se passou, no emtanto...

—O que se passou é bem simples e eu posso contar-lhe. A prata estava dentro de sacos, de onde está sendo retirada, porque houve necessidade de utilisar esses sacos para mandar as novas moedas, que vão ser postas em circulação, para todas as agencias do Banco de Portugal e tesourarias da Fazenda Publica.

E o sr. dr. Alberto Xavier acrescenta:

—Deve ser esta a origem do boato á volta do qual se procuram tirar efeitos de caracter politico.

O *Diario de Lisboa* de ontem dava em primeira mão a noticia formal do embarque da prata, preparado para hoje, durante a manhã. De facto, esta madrugada, como vamos contar abaixo, sairam da Casa da Moeda 997 caixotes, rectangulares, numerados, com a marca

B. B. & Co.

LONDON

defendidos por aros de ferro, cada um pesando cêrca de 50 quilos, contendo cada um cêrca de 48 quilos de moedas de prata portuguesas algumas de D. Maria, D. Pedro V, D. Luís e D. Carlos, em sacos de linhagem, com cêrca de três mil e novecentas e vinte moedas cada caixote, o que prefaz aproximadamente três milhões e novecentos e oitenta mil moedas, com o peso aproximado de 49.000 quilos, volume necessario para, ao cambio, prefazer o valor de 200.000 libras, primeira remessa para a caução da operação celebrada ha tempo, em Londres, pelo delegado do ministerio das Finanças.

Cada moeda deve pesar 12 gramas e meia, havendo porém a considerar que as moedas antigas estão muito gastas, o que obrigou a reforçar o numero para dar o peso.

Na Casa da Moeda

A'quela hora silente da madrugada raro era o traseunte que passava, de longe em longe, na rua erma de S. Paulo. Tinham badalado as quatro numa torre proxima, e só a espaços muito dilatados se via algum vulto a esgueirar-se pachorrento ao longo da calçada. Gente que torna a casa, exgotada de forças na perdição das pandegas ou na labuta do trabalho; a sentinela da Casa da Moeda a deambular, aborrecida, em frente da grade pesada do portal; e mais nada, e mais ninguem... nem um policia, sequer.

O *Diario de Lisboa* aproximou-se com as cautelas precisas; procurou assegurar-se da noticia para a dar aos leitores vibrante, sentida, verdadeira, copiada ali mesmo, do natural, como fotografia nitida do caso.

Dentro, para lá da grade, havia luz, e havia vozes humanas a segredar. Percebia-se bem que alguma coisa de estranho se passava no interior do casarão, e que não era só para guardar os valores arrecadados na casa forte que a sentinela se mantinha ali, armada como para um combate que ninguem se decide a travar. Tentámos uma investida pacifica contra a rigidez do soldado:

—Já viéram?

—Quem?

Nós não sabiamos quem havia de vir; sabiamos apenas que alguem viria buscar a prata para bordo de um navio. Respondemos, por isso, á tôa:

— Os homens.

— Os senhores são dos jornais?

Outra sorte nos dê Deus. Isso sim... sômos cá disto...

— Cá do estabelecimento?

—... como o outro que diz... Vocês, mesmo, devem ter cuidado com essa gente dos jornais. Não lhe deram indicações nesse sentido?

— Ai, não; não deram! Se aparece por ai algum, corro-lhe com a sorte, emquanto o diabo esfrega um olho.

— Claro. Estas coisas têm que se fazer com termos. O sr. Pais já veiu? — O sr. Pais era um nome qualquer que ocorreu — Se tivesse tempo ainda ia ali acima...

— Acho que pode ir. Ainda os «camions» não vieram... Só lá para as cinco horas...

* * *

O portão, entretanto, abriu-se, e saiu á rua um homem vestido de preto a inquirir qualquer coisa.

Os jornalistas foram-lhe ao encontro:

— Tem sido um trabalhinho... hein?

— E' verdade. Tomára cá os «camions» para se acabar com isto.

— Está combinado para as cinco, não é?

— E'. Devem estar por ai a chegar.

Para resumir: entabolou-se conversa; o homem convenceu-se de que eramos empregados da Lloyd, e, dali a pouco, estavamos lá dentro, onde fôra proibida a entrada de jornalistas.

Os caixotes e o comentario do pessoal

Escondidos da rua, por um muro, estavam empilhados os caixotes. Eram 997, e mandaram uns tantos operarios a pintar-lhes por fóra, as letras da consignação — B. B. & C.ª London —.

O tesoureiro da Casa da Moeda, sr. Jorge Leote, um senhor delicadissimo, daqueles cuja rectidão de caracter se denuncia na expressão do olhar, ia dirigindo os trabalhos, comovido, como se assistisse á penhora dos seus proprios haveres.

Aquilo tinha tragedia, tinha um traço negro de amargura. Os operarios, a cada pincelada, faziam, sem querer, um gesto de vencidos, como se a sua função fôsse uma função de grilhetas, e como se uma prepotencia invencivel os obrigasse á pratica de um acto, muito vergonhoso:

—Levam-nos tudo! Levam nos a energia, levam-nos a força, levam-nos o dinheiro... Daqui a dias levam-nos a camisa, e hão-de querer, ainda, que nos calemos...

—O *Diario de Lisboa* ontem á noite já dava a noticia...

—Dava; mas o que era preciso era uma sova que os arrazasse! Cá por mim, contar lá fora o que se passa cá dentro, não conto; é uma questão de dignidade; mas, se estivesse nas minhas mãos, jornalista que aparecesse, só se eu não pudesse é que não o deixava entrar... Eles, só por causa daquela meia duzia de linhas do jornal, já apanharam um susto medonho...

— Sim?

— Isso... deram logo ordens rigorosas para se fazer o embarque com todas as cautelas...

Um dos homens teve uma sinceridade maior, e arrazaram-se-lhe os olhos de lagrimas. Os companheiros acrescentaram:

—Se não fôsse a necesidade de ganhar o pão...

— Custa-lhes, o serviço?

— Não me fale nisso, senhor! Ha lá alguem que tenha coragem de estar aqui a ver como estes homens põem assim, no «prego», os ultimos valores que nos restam...

40 caixoes de cada vez

Chegaram quatro camiões do C. E. P. O portão abriu-se de par em par, os veiculos ingressaram no pateo, e alguem comandou:

— Podem carregar. Quarenta caixões cada vez.

Foi, nessa altura, o ponto culminante da scena. As moedas; mesmo encaixotadas, mesmo apertadas em sacos, quando estavam a carregá-las, tilintavam lá dentro, num som lamentoso que lembrava um soluçar de despedida.

—Parece que falam ..

—Parece, parece. Parece que vão tocando a rebate lá dentro dos caixotes! Pois olhe que vão bem amarradas.

Nenhum daqueles homens proferiu mais uma palavra que se ouvisse. Mas falavam com eloquencia os olhos e as atitudes. E os jornalistas tiveram a certeza de que, naquele momento, todos os espiritos se concentravam numa meditação dolorosissima. Era bem uma despedida, maguada, comovedora, triste, aquele «podem carregar!» do homem que dirigia a manobra.

Os «camions» uma vez carregados, deram em cumprir o frete.

—Não vai tropa a vigiar isto?

A prata sai do Arsenal

—Não convem. Dará nas vistas. Vai um homem em cada carro; mas vai á paisana.

A carreta—melhor: o «camion»—transpoz o portão do Arsenal, a caminho do embarque.

Quizemos segui-lo; quizemos ir até ao fim. Por cima da porta, de extremo a extremo de uma varanda larga, um letreiro gargalhava sarcasticamente esta frase de contraste:—Ditosa Pátria!

Impediram-nos a passagem.

—Mas, queremos ir falar ao sr. oficial de serviço...

—Não posso deixar passar ninguem. Hoje ha ordens especiais. Temos de cumpri-las.

—Ha, então, alguma novidade?

—Não. O caso é outro.

—Receiam que alguem roube algum caixote?

O homem teve um olhar de espanto, e nós prosseguimos:

—Já ai vêm mais três «camions». Cada um traz 40 caixões, cada caixão 50 quilos de prata, cada 50 quilos de prata...

* * *

E vimos o resto... não podemos dizer de que posto de observação.

Os camions, á medida que entravam, iam-se dirigindo para a ponte. Depois, com um oficial a comandar, um grupo de operarios ia retirando os caixotes para o chão e do chão para o bojo duma fragata.

Tornavam á Casa da Moeda; tornavam ao Arsenal; descarregavam; iam carregar outra vez; e naquilo andaram enquanto houve prata encaixotada para enviar á «B. B. & C.ª, de London», no porão enorme do «Arlanza».

A' hora a que os leitores souberem a noticia, deve estar prestes para a largada o barco que leva para a Inglaterra as ultimas «corôas» de Portugal.

Norberto de Araujo

TEATRO SÃO LUIZ

Telef. C. 224 **SABADO, 28**

«première» da revista

VIDA NOVA

ESTREIA em Lisboa dos

ANAGLIFES

Projecções comicas sensacionais

S. CARLOS

Telef. C. 3063

HOJE — ás 9 e meia da noite

Festa de HENRIQUE DE ALBUQUERQUE

Rosas de todo o ano

com Palmira Bastos e sua filha Amelia

Casa de Boneca

com Lucilia Simões

Versos pelo festejado

Politeama

Empresa Luis Pereira Telefone 3028-N

COMPANHIA AUGUSTO PINA

HOJE — Ás 21,30 A comedia em 5 actos

Guerra em tempo de paz

Exito ruidoso Sucesso de gargalhada

O teatro mais comodo e mais barato de Lisboa

BEIJADA...

por Marie Prêvost, é uma sensacional comedia em 5 deliciosos actos, que se estreia hoje no

Cinema Condes

e que forma o melhor dos programas com

CORAÇÕES BONDOSOS

a maravilha das maravilhas com House Peters o maior dos grandes actores.

Tudo no melhor dos programas que é o do

Cinema Condes

TEATRO NACIONAL

Telef. N. 3049

HOJE — Ás 21,30 Peça de sensação

OS DOIS GAROTOS

Protag. Ilda Stichini e Ester Leão

Preços reduzidos: Plateia, 4$40, 5$60, 9$50, 12$00; Camarotes, 20$00, 35$00, 50$00; Galeria, 3$40.

Não ha locação

AVENIDA PARQUE

(Antigo Parque Mayer)

TODAS AS NOITES

esplendidos concertos de «JAZZ-BAND»

Profusa iluminação

Numerosos recreios e diversões

Teatro MARIA VICTORIA

DUAS SESSÕES A's 8,45 e 10,45

A revista triunfante Graça irresistivel

Fantasia deslumbrante dos ultimos acontecimentos

Rir!

RÉZ-VÉZ

10 quadros magistrais — Desempenho primoroso da mais brilhante e completa Comp.ª do genero

Teatro APOLO

Tel. N. 4119 Companhia MARIA MATOS

HOJE — 1.ª represent. (nesta epoca) da celebre comedia, em 3 actos de Gervasio Lobato

EM BOA HORA O DIGA!

GARGALHADA CONSTANTE

Extraordinario desempenho de Maria Matos, Alegrim e Gomes Otimo conjunto

TEATRO AVENIDA

Tel. N. 4356 COMP.ª CREMILDA-CHABY

HOJE Ultima representação (nesta epoca) da peça de Brieux, tradução de João Luso

Blanchette

Grandioso sucesso desta Companhia

Eden Teatro

Telef. N. 3.800

HOJE, ás 9 3/4 A galante e graciosa revista

LUA NOVA

Compére: ANTONIO GOMES, da Trindade remodelada e ampliada com o quadro novo EM-FIM, SÓS!... que é uma fabrica de gargalhada

O bailarino genero americano BILL BAILEY dançando com as bailarinas e com Elisa Santos

TEATRO da TRINDADE

Empresa José Loureiro Tel. C-876

Espectaculo unico — Recita do actor CARLOS SANTOS — A peça de grande sucesso:

WU-LI-CHANG

Abre o espectaculo a comedia em 1 acto adaptação de João Soler

LOLA

Dr. Manuel Barbosa

CLINICA GERAL

RUA DO OURO, 191

AUTOMOVEIS DE GRANDE LUXO

A **FIAT**, *depois de um quarto de seculo de vida, intensamente devotada ao aperfeiçoamento, sob todos os pontos de vista, da construção do automovel, acaba de criar o carro modelo 519, que é a soma de todas as aspirações dos especialistas apaixonados, de todas as suas experiencias e de todos os seus minuciosos cuidados. O carro FIAT, modelo 519, na sua mais alta perfeição é comparavel ao «puro sangue» produto d'um apuramento e de um aperfeiçoamento progressivos atravez de uma paciente e sabia selecção.*

Está em exposição no Motor-Palace, Rua Actor Tasso, á Rotunda, um chassis d'esse maravilhoso modelo, a ultima palavra da mecanica moderna.

Este tipo de carro é superior em qualidades e aperfeiçoamentos aos mais caros automoveis mundiaes e embora de preço elevado é bastante mais barato do que qualquer dos outros.

Representante para Portugal e Colonias

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA, LIMITADA

RUA DA PRATA, 145

MOTOR-PALACE Rua Actor Tasso — LISBOA

MOTOR-PALACE Rua de Santa Catarina, 122-126 — PORTO

AVISO — Temos tambem em exposição ou a chegar, automoveis FIAT de todos os tipos e forças cujos preços e qualidades competem com todas as boas marcas europeas e americanas.

Todos os FIAT teem 4 velocidades, 4 molas inteiras, um chassis completo.

BANCO REGIONAL DO SADO

(Soc. Anon. Resp. Lim.)

Autorizado pelo decreto n.º 9770 de 5 de Junho de 1924

Constituido por escriptura de 18 de Junho de 1924

CAPITAL Esc. 4.000:000$00 em 40.000 acções liberadas de Esc. 100$00

SÉDE EM SETUBAL

Subscrição publica de 30.000 acções, liberadas, de Esc. 100$00, tomadas firme ao seu valor nominal pelo grupo organizador do Banco e cedidas ao mesmo preço de Esc. 100$00.

Pagamento até 31 de Julho

A subscrição está aberta:

EM SETUBAL: — **Na séde provisoria do Banco, na Avenida Todi (Casa bancaria de Raul P. Santos), e na Associação Comercial e Industrial.**

EM LISBOA: — **Na Rua de S. Julião, 74 e 76 (Casa bancaria Raul P. Santos) futura filial do Banco.**

GARAGE E OFICINAS

INVICTA, L.da

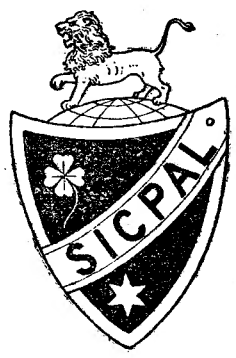
R. do Arco do Cego, 31-A

LISBOA

Oficinas de reparação de automoveis

RECOLHA MENSAL 50$000

Telefone N. 395



Ratgondins, rapozas, skungs,

opussom, petit gris, etc.

Sempre grande e variado sortido em peles estrangeiras e nacionaes.

Curte, tinge e confecciona; rapidez e perfeição.

Preços para reclame.

Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, L.da

Telefone N. 5111

49, Rua das Pretas, 2.º

Fabrica de

Ladrilhos

Mosaicos

Azulejos

Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1344

LISBOA

CARPINTARIA CIVIL

Trabalhos em todos os generos

Projectos e orçamentos

Consultem "A ACTIVA"

TELEFONES C-3474—1601 Rua 24 de Julho, 8 e 10

GARAGE CONDE BARAO

Recolha de 180 automoveis

Venda e compra de automoveis

Oleos, gasolina, acessorios

Material electrico

Instalações electricas

Stock de lampadas «Philips»

Telefone: C. 5430

Telegrafo: Garage Conde Barão

Dias, Fonseca & Sotto-Maior, L.da

Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

Cortes de fazenda de boa qualidade, empenhadas

VENDEM-SE

Por conta do mutuario na casa de penhores

A RENOVADORA

RUA MARTIM MONIZ, 31, s/l

FONSECAS, SANTOS & VIANA

BANQUEIROS

Estabelecidos em 1861

RUA DO COMERCIO, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Distribuição de Relatorio

São prevenidos os srs. accionistas desta Companhia de que o Relatorio do Conselho de Administração, relativo ao exercicio de 1923 e que deverá ser presente á Assembleia Geral Ordinaria convocada para o dia 28 de junho corrente, está á disposição dos mesmo srs. acionistas, na séde da Companhia, — a partir de 14 do corrente.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, Lisboa, 13 de junho de 1924.

O Presidente do Conselho de Administração

José Adolfo de Melo Sousa

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140

MELINA

O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Depósito Geral

Fernandes, Almeida & C.ª, L.da

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º

Chapeus para senhora, creança, ultimos modelos, no

Salão Aguia

Rua do Carmo, 90, 2.º

A. Reis, L.da
CHANGEURS • CAMBISTAS • CHANGERS
Compra e venda de moedas estrangeiras — «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 ..... LISBOA

ESTRANGEIRO

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da clinica de Necker—PARIS
RINS e vias urinarias.
Venereologia — sifilis.
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º — ás 15 h. — Tel. 5205-N.

DE FRANÇA

PARIS

REGEIA
a reorganisação
do exercito alemão
e olha para os seus preparativos belicos...

PARIS, 27

Continuam a ser conhecidos detalhes interessantes ácêca dos preparativos belicos da Alemanha.

Assim o alto comando do exercito foi substituido por um estado maior de campanha, composto de jovens oficiais instruidos em sete novas escolas de guerra, e, que o quartel-mestre general, isto é, o chefe supremo das forças em organização é von Seeckt que que muito se distinguiu durante a grande guerra pelo seu saber e espirito disciplinador.

A constituição
do chamado «novo exercito»

O «Novo Exercito» compreende 22 divisões de todas as armas com 5 mil oficiais sendo as reservas constituidas por sete divisões de infantaria e três de cavalaria.

As forças aereas — diz um dos documentos apreendidos num dos recentes devasas levados a efeito nas regiões ocupadas — serão divididas em grandes massas combativas, tendo por objectivo o bombardeamento dos principais centros industriais, estações de caminhos de ferro, composto de aviações, quarteis generais inimigos. — (L.)

Manifestações
contra o assassinio de Matteoti

PARIS, 27

Em Marselha e Toulon os comunistas efectuaram demonstrações contra o assassinato do deputado Matteotti. Deram-se conflitos entre os manifestantes e a policia, a qual impediu que fossem assaltados os consulados italianos.

Ha muitos feridos e efectuaram-se numerosas prisões, que serão submetidas á autoridade judicial. — (L.)

A Alemanha
aceita as ultimas condições

PARIS, 27

O governo alemão parece que decidiu em resposta á nota franco-inglesa enviada de Chequers sobre a questão do desarmamento, aceitar as condições da ultima nota da conferencia dos embaixadores, ácerca da fiscalisação militar, devendo oficialmente essa aceitação antes do dia 30. — (R.)

350 atletas
chegaram da America do Norte

PARIS, 27

Chegaram a Cherburgo, para tomar parte nas Olimpiadas 350 atletas americanos. — (R.)

Gravura em todos os generos
Carimbos de borracha, metal e artigos para escritorio, monogramas para carteiras.
NEVES & OLIVEIRA
R. DE S. NICOLAU, 53

"PEROLA DO ROCIO"
Casa especialista em Chá e Café
EXPERIMENTEM o magnifico café desta casa. Envia encomendas contra reembolso
ROCIO, 105

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO 140

DE LONDRES

Macdonald

desmente
a afirmação de Herriot
sobre um futuro pacto de garantia
que seria assignado entre a França, Inglaterra e a Belgica

LONDRES, 27.—Macdonald foi hoje interpelado na Camara dos Comuns ácerca da entrevista concedida por Herriot a alguns jornais belgas, na qual o primeiro ministro frances declara que Macdonald lhe prometera o auxilio da Inglaterra no caso de um ataque da Alemanha, tal como sucedeu em 1914, e afirma que um pacto de garantia seria assinado pela França, Inglaterra e Belgica.

Macdonald foi interpelado a este respeito, tendo-lhe sido preguntado se as declarações de Herriot correspondiam á verdade.

Uma entrevista categoricamente desmentida

Macdonald respondeu que estava muito surpreendido com as falsidades e más interpretações dadas por certos jornais á entrevista de Chequers.

O comunicado oficial publicado sobre essa entrevista dá claras explicações ao assunto, mas isso não obstou a que em toda a Inglaterra corressem os mais variados e mentirosos boatos.

Tambem a declaração feita no Parlamento ácêrca da entrevista com Herriot não conseguiu destruir esses boatos, na sua maioria absolutamente falsos, como por exemplo acontece com os comentarios que têm sido feitos sobre a comunicação feita ao governo francês pelo embaixador em Paris, lord Crewe, que autorizou Macdonald a desmentir esses comentarios, baseados todos eles numa imaginação fantasista.

Não houve a mais pequena divergencia...

Austin Chamberlain, do partido conservador, discursando em seguida, referiu-se ao que publicamente se aponta como divergencias entre os srs. Macdonald e Herriot, preguntando se realmente essas divergencias existem. Macdonald respondeu que tinha comparado os comunicados francês e inglês, verificando que não existia entre eles a discrepancia que se pretende. Ambos dizem que se chegou a um acordo geral, embora com palavras diferentes.

Outro membro da Camara, preguntou se não havia qualquer entendimento acerca de uma aliança militar defensiva, respondendo Macdonald que não se tinha feito qualquer convenção nesse sentido. — (R.)

O Estado Livre da Irlanda...

LONDRES, 27 — A questão da representação diplomatica independente do Estado Livre da Irlanda em Washington, já foi discutida no camara dos Comuns. O sr. Thomas, ministro das Colonias, declarou que aquele Estado tinha pedido ao governo britanico para solicitar do governo americano que recebesse como representante diplomatico em Washington um ministro acreditado pelo presidente da Irlanda, a fim de se encarregar dos negocios deste país. O governo britanico acedeu a esse pedido, como já tinha acedido a identico pedido do governo do Canadá em 1920.

...e a questão da representação diplomatica

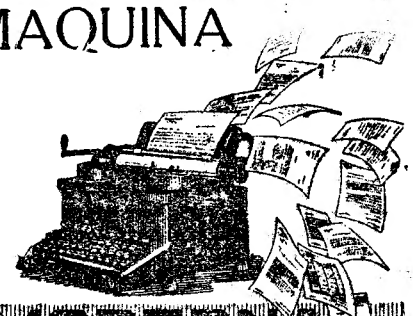
O sr. Thomás repetiu as afirmações que tinham sido feitas pelo sr. Macdonald, de que o tratado anglo-irlandês comprendia um acordo ácerca das relações com a America, lamentando que as palavras do primeiro ministro não houvessem sido absolutamente compreendidas.

Havia pessoas em Inglaterra e na Irlanda que entendiam que se os irlandeses pretendessem proclamar a Republica no seu país, devia isso ser-lhes permitido.

O tratado anglo-irlandês

Deve declarar-se desde já que, se tal pedido fosse feito, a Irlanda receberia dos actuais ministros a mesma resposta que foi dada pelos dois governos e transactos que ocuparam o poder depois do tratado ter sido assinado.

O actual governo cumprirá o tratado anglo-irlandês na sua letra e no seu espirito, da mesma forma como o Estado Livre da Irlanda procedeu até agora e se espera que proceda para o futuro. — (R.)

ESCRITA A' MAQUINA
Ensino rapido, perfeito e garantido na

ESCOLA MODERNA
ROCIO
ARCO BANDEIRA 231

DE BERLIM

MARX

REUNE
dentro de dias
os chefes dos Estados
para tratar das reparações e dos relatorios

BERLIM, 27

O chanceler Marx convidou os presidentes e os primeiros ministros dos varios Estados alemães para assistir a uma importante reunião politica que se realisara nesta cidade para tratar da questão das reparações e das medidas a pôr em pratica para executar o relatorio dos peritos.

A evacuação militar no Ruhr terá logar em dois periodos.

Durante o primeiro será retirada a maior parte das forças de ocupação e o segundo terá logar logo que as obrigações industriais alemãs sejam vendidas nos mercados financeiros. - (R.)

Os socialistas
e a proposta dos peritos

BERLIM, 27

O partido socialista publicou uma proclamação nos Vorverts, condenando a agitação sem escrupulo dos nacionalistas, contra a proposta dos peritos. Os socialistas ameaçam pedir o referendum se os nacionalistas puzerem em perigo a execução das propostas — (R.)

O «Micum»
e a reunião de Dusseldorf

BERLIM, 27

Os membros franceses da «Micum» e seis representantes das industrias do Ruhr e dos magnatas industriais vão reatar as negociações ácerca da prorogação do acordo «Micum». Essa reunião efectuar-se-ha hoje em Dusseldorf. — (R.)

O comercio
continua desiquilibrado

BERLIM, 27

A balança comercial alemã mostra um desiquilibrio cada vez maior. No mês de Abril as importações excederam as exportações em 321 milhões de marcos-ouro. Em Maio esse excesso foi de 354 milhões. — (R.)

MANTEIGA FINA DA MADEIRA
das marcas
Burnay, Aguia, Conceição e Aurea
As unicas marcas de manteiga garantidas pela sua pureza e pelo seu esmerado fabrico de absoluta honestidade de processos. A' venda na
«FUNCHALIA»
VIEIRA E LOPES L.DA
Largo do Calhariz, 5 e 6 — T. C. 1242
e na CASA «MANTEIGA BURNAY»
Rua dos Fanqueiros, 346-348
DESCONTOS AOS REVENDEDORES

MOBILIAS
a prestações e a pronto
AVISO
a todos que queiram comprar mobilias, visitem só os armazens da R. Martens Ferrão 20, Avenida Fontes Pereira de Melo, 7, se querem ser bem servidos, com plena confiança e economia de tempo, porque encontram todas as facilidades e os melhores preços do mercado.

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	—	154$
Paris	—	—
Madrid	—	—
New-York	—	—

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
Italia	—	—
Suiça	—	—
Brasil	—	—
Libra esterlina	170$	175$

A acção de Morais Sarmento NA Aviação Militar

Pedem-nos a Direcção da Aeronautica Militar a publicação da seguinte nota oficiosa:

«Sendo constante ouvirem-se em publico afirmações, não fundamentadas de que nas Unidades e Estabelecimentos de Aviação se tinham dado factos atentorios do bom nome do Exercito e em especial da Aeronautica, o coronel Moraes Sarmento que actualmente chefia esses serviços que estão anexos á Repartição do Gabinete do Ministerio da Guerra, solicitou do respectivo ministro que um oficial de patente superior fossem nomeados para proceder a averiguações naquelas Unidades e Estabelecimentos, tendentes a apurar a verdade para se aplicar a sanção penal contra quem as propaga, caso não sejam verdadeiras, ou castigar-se os culpados caso os haja para brio e honra da Aeronautica. Conforme o pedido, as averiguações devem principalmente incidir — sobre o emprego das viaturas automoveis e em especial dos carros chamados de pronto socorro — Trabalhos particulares efectuados nas oficinas — Consumo da gazolina e oleo requisitados — Gratificação de vôo — Plano a que obedeceu a respectiva instrução.»

«Para execução do Decreto n.º 9801, de 14 do corrente, que extinguiu os quadros permanentes da Aeronautica Militar foram aprovadas as seguintes propostas, que já entraram em execução.

I — Os serviços até aqui a cargo da Direcção da Aeronautica Militar ficam anexos á Repartição do Gabinete do Ministerio da Guerra, sendo superiormente dirigidos por um coronel do C. E. M., e será auxiliado pelo pessoal que para esse fim fôr nomeado.

II — O quadro dos oficiais das Unidades e Escola de Aviação será o seguinte:

«Escola Militar de Aviação». — 1 capitão de infantaria, 3 subalternos de infantaria ou cavalaria, 1 tesoureiro e 1 secretario do conselho administrativo do S. A. M. ou na sua falta do quadro da reserva e 1 oficial medico.

«Grupo de Esquadrilhas de Aviação Republica» — 1 capitão de infantaria e 3 subalternos de infantaria ou cavalaria, 1 tesoureiro e 1 secretario do conselho adminitrativo do S. A. M ou na sua falta do quadro da reserva, 1 oficial medico.

«Esquadrilha Mixta do Deposito» — 1 capitão e 1 subalterno de qualquer arma ou S. A. M.

«Parque de Material Aeronautico» — 1 director e 1 sub-director, capitães ou subalternos de engenharia, 1 adjunto, capitão ou subalterno de qualquer arma, 1 tesoureiro e 1 secretario do conselho administrativo do S. A. M. ou do quadro da reserva e 1 oficial medico.

III — Os oficiais actualmente presentes na Aeronautica Militar continuam na situação, em que actualmente se encontram.

IV — Até á reorganisação definitiva dos serviços aeronauticos não será admitido nenhum pessoal contractado ou adventicio e dos contractos existentes que forem caducando apenas serão renovados aqueles que os superiores interesses da Fazenda e do Serviço, devidamente comprovados, justifiquem.

V — Serão licenceados por periodos prorogaveis de 30 dias, os cabos e soldados das tropas da Aviação que possam ser dispensado do serviço.

VI — Ao pessoal prestando serviço na Aeronautica Militar serão abonados os vencimentos e serão conservados os direitos e deveres que pertenciam ao pessoal da sua classe, patente ou categoria dos quadros permanentes da Aeronautica.

VII — Até á organisação dos Serviços da Aeronautica Militar, deverão sustar-se todas as obras em execução, não se dando começo a nenhuma das projectadas.

A TARDE PARLAMENTAR

A sahida DA PRATA para Inglaterra

provoca uma sessão tumultuosa

O sr. Velhinho Correia, que abre a sessão, no uso da palavra, deseja saber o que tenciona a presidencia fazer sôbre lei de meios e orçamentos.

—Cessa a vida do Estado no dia 30? Cessam os orçamentos?—pregunta em altos brados.

A'partes, de varias bandas da Camara:

—O que não cessa é a prata que já lá vai barra fóra...

O sr. Cancela de Abreu:

—A' porta fechada! Sem concurso!

O sr. presidente da Camara, respondendo ao sr. Velhinho Correia:

—A Camara é que é responsavel por este estado de coisas, visto dispensar, muitas vezes, as praxes regimentais, tratando de assuntos que não estão incluidos na ordem do dia.

O sr. Velhinho Correia volta a dizer que se torna indispensavel a discussão da *lei dos meios* e dos orçamentos—pois disso depende a vida do Estado.

* * *

O sr. Tavares de Carvalho, depois de declarar que desejava tratar, caso estivesse presente qualquer membro do governo, da falada falta de agua em Lisboa, requereu para entrarem em discussão dois projecticulos de interesse local, requerimentos que não são postos á votação por ainda não haver numero.

* * *

O sr. Ferreira da Rocha chama a atenção da Camara para a partida da prata, esta manhã, para Inglaterra, protestando contra o facto e dizendo que o governo exorbitou, pois não podia usar livremente da prata do Estado.

O sr. Pedro Pita, em áparte:

—Vai tudo para o prégo. Só falta encaixotarem-nos a nós tambem.

O sr. Velhinho Correia, ligado ao sr. Alvaro de Castro por todas as alianças possiveis e imaginarias, pretende defender esta medida do governo. A sua voz é, porém, abafada, pelos protestos dos nacionalistas. Borborinho enorme.

* * *

Da maioria o unico a protestar, de viva voz, é o sr. Portugal Durão que é apoiadissimo pela minoria nacionalista.

O orador ataca violentamente o governo, terminando por dizer o seguinte:

—O Governo completou bem a sua obra. Depois de recusar os pagamentos devidos aos credores, põe no «prego», com a maior desfaçatez, as ultimas pratas da casa.

O sr. Velhinho Correia:

—Eu peço aos parlamentares que não concordem comigo, o favor de me ouvirem com o respeito com que os oiço a eles.

Vozes dispersas:

—Fale, fale.

O sr. Velhinho Correia:

—Antes vender a prata, do que fazer notas, aumentando extraordinariamente a circulação fiduciaria!

Novos protestos e apartes.

O sr. Velhinho Correia, continuando:

—Não sei as condições com que a prata seguiu para Inglaterra, mas, seja como fôr, antes essa medida do que um novo aumento de notas.

O sr. Almeida Ribeiro pretende tambem apoiar a politica financeira do sr. Alvaro de Castro—mas o borborinho feito em volta das suas considerações é de tal forma ensurdecedor, que não chegou nenhuma palavra sua aos nossos ouvidos.

O sr. Portugal Durão, que volta á falar:

—Eu protesto contra o efeito moral que isto produz. Não sei se a prata foi vendida ou empenhada. Sei que saíu a barra, ás escondidas, altas horas da madrugada, por determinação do governo—o mesmo governo que, ainda não ha muito tempo, pela voz do sr. ministro das Finanças, garantia á Camara que a prata não sairia de Portugal.

O sr. Cancela de Abreu ataca tambem a saida da prata para o estrangeiro, fazendo as seguintes declarações:

—A prata partiu ás escondidas, e é necessario que a Camara aprove que se efectui um inquerito rigoroso sobre o caso—que possa, de algum modo, contribuir para que a prata regresse a Portugal—caso não esteja vendida já.

O sr. Cunha Leal:

—O partido Nacionalista protesta contra a alienação criminosa, por parte do governo, do patrimonio nacional, e não hesita em classificar de negocio escuro a saida da prata para o estrangeiro. A prata foi vendida por uma autentica manobra á porta fechada, obedecendo a compromissos que se desconhecem. Nem se esperou a constituição dum novo governo! Por isso fica a responsabilidade a quem tiver coragem para assumi-la neste momento.

O sr. A'meida Ribeiro defende a obra do governo e as «démarches» realisadas em Londres pelo sr. Alberto Xavier, estranhando a facilidade com que certos actos governamentais passam a ser designados como negocios escuros.

A minoria monarquica, que tinha já lavrado o seu protesto, pela boca do sr. Cancela de Abreu, volta a fazêl-o pela boca do sr. Carvalho da Silva, que folheando leis foi remontar o assunto da prata aos tempos do sr. Victorino Guimarães, como ministro das Finanças.

NO SENADO

A amnistia aos aviadores

A 1.ª secção do Senado, reunida esta tarde, deu o seu parecer favoravel por uma grande maioria de votos, ao projecto concedendo amnistia aos oficiais aviadores detidos em S. Julião da Barra. Esta lei deve ser votada ainda hoje, na sessão plena que está a funcionar.

O senador Alfredo Portugal apresentou um contra-projecto para ser dada homenagem aos aviadores na cidade. Reuniu a 1.ª secção que regeitou, estando a ser discutido o projecto aprovado na Camara dos Deputados, que parece ter a aprovação do Senado por muitos votos.

A PRATA

já lá vai pelo mar fóra...

A' hora em que o nosso jornal correr, está saindo a barra com destino a Londres o paquete «Arlanza», para onde os rebocadores do Arsenal levaram os 997 caixotes de prata portuguesa. O embarque foi superiormente vigiado por um delegado da Casa da Moeda, que não ocultava a sua comoção. O sr. Oliveira e Silva, chefe da repartição do Ministerio das Finanças e director interino da Casa da Moeda, acompanhou sempre todos os trabalhos de condução e embarque.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
R. DOS FANQUEIROS, 114

A carta de Alvaro de Castro AO Chefe do Estado

O sr. dr. Alvaro de Castro entregou ontem ao Chefe do Estado a seguinte carta:

«Ex.mo Sr. Presidente da Republica.—Ao comunicar a V. Ex.ª o resultado do debate politico que hoje teve logar na Camara e do qual resultou a regeição da moção de confiança á obra financeira e economica do governo, apresentada e defendida pelo *leader* do grupo da Acção Republicana dr. Carlos Olavo, peço a V. Ex.ª venia para expor, em curtas palavras, a opinião do presidente do ministerio cessante sobre a solução constitucional da crise.

Pela regeição da moção do sr. dr. Carlos Olavo o governo foi derubado, fundamentalmente, pela condenação da sua politica financeira e economica; e pela votação da moção do sr. Vitorino Guimarães verifica-se a existencia de uma larga maioria parlamentar apta a governar.

A esta maioria, pois, parece caber a obrigação de constituir ministerio.

Tendo em atenção os antecedentes da crise e o desencontro de opinião dentro da maioria democratica e ainda a circunstancia da regeição da moção de confiança ao governo ter resultado do voto contrario de um numero apreciavel de deputados do partido democratico, sou levado a concluir que a pessoa encarregada de formar ministerio deve sair da maioria democratica ou do grupo dos independentes, excluida a hipotese, que necessariamente está excluída pela votação, dessa pessoa pertencer á acção Republicana, ou com este grupo ter relações de afinidades politicas e de simpatias pessoais.

Julgo unicamente viavel um governo cuja presidencia seja atribuida a uma personalidade do Partido Democratico.

E pelos antecedentes da crise a que já me referi, pela dispersão de ideias revelada no dabate pela maioria democratica, julgo que sómente o sr. dr. Afonso Costa reune as qualidades necessarias para garantir ao ministerio futuro a maioria forte, homogenia e activa.

Com esta solução, que certamente o país espera e pela qual os republicanos anseiam, o partido democratico ganhará maior coesão e o grupo de acção republicana e o grupo dos independentes mais fortemente se ligarão para a realização da obra de regeneração financeira, numa ordem de ideias e de principios mais conforme com a vontade da maioria.

Termino agradecendo a v. ex.ª, em meu nome e em nome dos meus colegas, as provas de deferencia pessoal e confiança que nos dispensou largamente e seja-me permitido afirmar a v. ex.ª a minha mais alta admiração pelas invulgares qualidades que fazem de v. ex.ª um Chefe do Estado modelar e de excepcionais virtudes.—(a) *Alvaro de Castro.*

Consta que quatro vultos democraticos partiram hoje para Manteigas, a fim de pedir ao sr. dr. Afonso Costa para vir imediatamente a Lisboa.

Esta «démarche» deve ter qualquer relação com a crise ministerial.

Os «passes» dos electricos

Da Arcada recebemos a seguinte informação:

«Devido á negligencia da Camara Municipal em resolver questões pendentes, a Companhia Carris de Ferro de Lisboa não concederá assinaturas no proximo semestre».